

Mensagens sobre Mordomia

IV. Dízimos e ofertas na Bíblia

Tenha em mente o que já dissemos sobre a Doutrina da Mordomia:

- Tudo pertence a Deus;
- Somos apenas seus mordomos ou administradores.
- A motivação maior para toda mordomia é a gratidão

É nesse contexto mais amplo que devemos entender o que a Bíblia diz sobre dízimos e ofertas. Mas muita gente não quer nem ouvir falar de dízimo. Acha um absurdo “ter que dar” 10% do seu salário ou rendimentos à uma igreja. Alguns admitem que a Bíblia ordena a entrega dos dízimos, mas não são dizimistas, por várias razões: “Não ganho o suficiente para isto”, “Não concordo com a administração da igreja”, “Não vou dar dinheiro para o pastor enriquecer...” etc.



Fica mais fácil e alegre dizimar quando, cômnicos da nossa mordomia, entendemos que dízimos e/ou ofertas são, acima de tudo, expressões de nossa gratidão a Deus por tudo que ele nos dá ou faz por nós: saúde, inteligência, oportunidades, sustento, proteção e as chamadas bênçãos espirituais.

O dízimo e as ofertas são também um exercício da fé e da generosidade. Demonstra que não somos apegados ao dinheiro e estamos dispostos a investir em causas superiores, as que uma boa igreja administra. Reconhecemos que, sozinhos, com pouco dinheiro, não podemos fazer muito; juntos, os membros e congregados de uma igreja podem ampliar seus serviços na comunidade e no mundo e cumprir sua missão.

1. As primeiras referências ao dízimo.

O dízimo que Abraão entregou a "Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo e rei de Salem" é a primeira referência ao dízimo na Bíblia (Gn 14.18-24). A ausência de explicações parece indicar que este era um costume já estabelecido. Esse primeiro exemplo é particularmente importante porque antecede à dádiva da Lei ou, mais especificamente, ao mandamento do dízimo. Note também que o dízimo de Abraão não foi exigido por Melquisedeque. O patriarca o deu espontaneamente, atribuindo a Deus o sucesso num grande e corajoso empreendimento: o resgate de Ló (vs.19-20). Ele estava reconhecido e agradecido! Já naqueles tempos, ele mencionou o princípio básico da doutrina da mordomia: “*O Deus altíssimo possui os céus e a terra*” (V. 22, na Versão Revista e Atualizada) ou “*Deus Altíssimo, Criador dos céus e da terra*” (NVI).

O dízimo de Jacó teve as mesmas características (Gn 28.18-22). Esse neto de Abraão resolveu dar o dízimo de tudo após uma profunda experiência com Deus (vs. 10-17). É sempre assim.

O dízimo só foi incorporado à Lei na época de Moisés, séculos mais tarde (Lv 27.30-33). A experiência pessoal de alguns virou lei, uma ordenança para a nação de

Israel, em formação. A expressão “*todas as dízimas... são do Senhor*” não anula a verdade já exposta de que “*tudo é do Senhor*”.

Mais à frente, direi algo sobre a aplicação ou destinação dos dízimos e das ofertas no Novo Testamento, mas antecipo o que se vê repetidas vezes no Velho Testamento: eram usados para o sustento do sacerdócio levítico, em empreendimentos como a construção do Tabernáculo e, mais tarde, do Templo, e no amparo aos necessitados (Nm 18.21-16 Dt 14.28-29).

2. Dízimos e ofertas na história de Israel.

O cuidado com a casa do Senhor, as celebrações religiosas e a entrega regular dos dízimos tornaram-se uma espécie de termômetro para medir a espiritualidade do povo de Deus no Velho Testamento. Quando se distanciavam de Deus e se tornavam idólatras, não cuidavam do templo, não celebravam as festas religiosas, não entregavam os dízimos e não davam mais ofertas de gratidão; quando se arrependiam e se voltavam para o Senhor, recomeçavam a adoração e a entrega de dízimos e ofertas. As grandes reformas religiosas empreendidas por Ezequias e Neemias incluíram o retorno à prática do dízimo.

- O rei Ezequias “*ordenou ao povo de Jerusalém que desse aos sacerdotes e aos levitas a porção que lhes era devida (dízimos) a fim de que pudessem dedicar-se à lei do Senhor*” (II Cr 31.4).
- Neemias relatou: “*Fiquei sabendo que os levitas não tinham recebido a parte que lhes era devida e que todos os levitas e cantores responsáveis pelo culto haviam voltado para suas próprias terras. Por isso repreendi os oficiais e lhes perguntei: ‘Por que essa negligência com o templo de Deus?’ Então convoquei os levitas e os cantores e os coloquei em seus postos. E todo o povo de Judá trouxe os dízimos...*”(Ne 13.10-14). (Mais à frente nesta mensagem, vamos relacionar estas passagens com o sustento de pastores na atualidade).

No tempo do profeta Malaquias, Deus disse a Israel: “*Vocês se desviaram dos meus decretos e não lhes obedeceram... Vocês estão me roubando. E ainda perguntam: ‘Como é que te roubamos?’ Nos dízimos e nas ofertas... Tragam o dízimo todo ao depósito do templo... Ponham-me à prova... e vejam se não vou abrir as comportas dos céus e derramar sobre vocês tantas bênçãos que não terão onde guardá-las...*” (Ml 3.7-10). Não se dá o dízimo para garantir prosperidade material! Não se faz troca ou negócio com Deus! Mas é certo que nesta e noutras passagens Deus nos incentiva com a promessa de suprir abundantemente nossas necessidades. Damos proporcionalmente àquilo que Deus nos dá, na certeza de que não nos fará falta. Deus proverá!

3. Dízimo e ofertas no Novo Testamento.

Há os que afirmam que o dízimo é coisa do Velho Testamento, uma exigência da Lei Mosaica para os que viveram naquele tempo, e que nós, cristãos, não temos a obrigação de pagá-lo. Estão certos, pelo menos em parte. Como disse o apóstolo Paulo, nós, cristãos, não estamos debaixo da lei; estamos debaixo da graça! (Rm 6.14). Mas é justamente por isso que podemos e devemos fazer ainda melhor, pois a graça é superior à Lei. A Lei obriga; a graça motiva!

Voltemos ao exemplo de Abraão. A Lei ainda não tinha sido dada; Abraão não tinha obrigação de dar o dízimo dos bens que resgatou das mãos dos reis que saquearam Sodoma; mas ele o deu por gratidão, reconhecendo que sua vitória tinha sido uma bênção de Deus. Entregamos dízimos e fazemos ofertas pelos mesmos motivos. São motivos mais fortes e maduros que a mera obediência a um mandamento.

O dízimo de Abraão é comentado em Hebreus 7.1-10. O autor dessa carta argumenta que o Sacerdócio de Cristo é superior ao sacerdócio de Melquisedeque, que é uma figura de Cristo no Velho Testamento. De modo que, quando Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, ele o deu, em figura, ao próprio Cristo. Se o crente Abraão deu o dízimo a Melquisedeque, tipo de Cristo, os crentes, hoje, devem dá-lo Àquele que é *“Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque”* (v.17).

Jesus não anulou a Lei Mosaica; melhor dizendo, as leis morais do Velho Testamento que se aplicam tanto a judeus como a gentios, em todos os tempos. Entretanto, ele condenou as motivações egoístas, religiosas, tradicionais e incoerentes. Por exemplo: Em Mateus 23.23 e Lucas 11.42, Jesus censura os fariseus porque, conquanto fossem zelosos na prática do dízimo, negligenciavam os preceitos mais importantes da Lei, tais como a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Jesus lhes disse: *“Vocês devem praticar estas coisas [justiça, a misericórdia e a fidelidade], sem omitir aquelas [os dízimos].”* A entrega legalista e formal de dízimos não tem valor se a vida não exibe o fruto do Espírito; por outro lado, o crente que pratica os preceitos mais importantes da Lei de Deus não está, por isso, dispensado de dar o dízimo.

Na parábola do Fariseu e do Publicano, em Lucas 18.12, o primeiro diz, orgulhosamente: *“... jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.”* Porque a parábola condena a atitude orgulhosa do fariseu, alguns vêm aqui uma indicação de que Jesus era contrário ao dízimo. Os vs. 9 e 14, entretanto, esclarecem que o que Jesus condenou não foram as práticas do jejum e do dízimo, mas a exaltação própria através dessas práticas (Ver Mt 6.1-2,5,16).

4. Dízimos ou ofertas?

Além dos dízimos, os crentes do Velho Testamento davam ofertas, muitas ofertas. Por ocasião da construção do Tabernáculo, no deserto, o Senhor ordenou a Israel, por boca de Moisés: *“Separem dentre os seus bens uma oferta para o Senhor... de coração disposto... Então toda a comunidade de Israel ... todos os que estavam dispostos, cujo coração os impeliu a isso, trouxeram uma oferta ao Senhor para a obra do Tabernáculo... Todos os israelitas que se dispuseram, tanto homens como mulheres, trouxeram ao Senhor ofertas voluntárias...”* (Êx 35.5,20,21,22,29). Mais à frente, lemos que *“o povo continuava a trazer voluntariamente ofertas, manhã após manhã. Por isso, todos os artesãos habilidosos que trabalhavam no santuário interromperam o trabalho e disseram a Moisés: ‘O povo está trazendo mais do que o suficiente para realizar a obra que o Senhor ordenou’. Assim, o povo foi impedido de trazer mais...”* (Êx 36.5-7). Maravilha!

O Novo Testamento fala mais de ofertas do que propriamente de dízimos. Jesus observou as *ofertas* que os ricos depositavam no gazofilácio, à porta do templo, e também a *oferta* de uma viúva pobre. E comentou: *“Esta viúva pobre deu mais do que todos. Porque todos estes deram como oferta daquilo que lhes sobrava; esta, porém, da sua pobreza deu tudo o que possuía, todo o seu sustento”* (Lc 21.1-4). Na época de Paulo, os cristãos da Macedônia, que eram pobres e estavam passando por muitas

tribulações, “manifestaram abundância de alegria, e... na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários” numa campanha de arrecadação de fundos para socorrer os cristãos ainda mais pobres da Judéia (II Co 8.2-3). Paulo escreveu aos Coríntios sobre esse exemplo de amor e generosidade e acrescentou: “Cada um contribua segundo tiver proposto no coração... porque Deus ama a quem dá com alegria” (II Co 9. 7).

5. O sustento do ministério pastoral e missionário

Em nossos dias, a destinação de parte dos dízimos e das ofertas do povo de Deus para o sustento do ministério pastoral e missionário é questionado por alguns. Entretanto, é bíblica e necessária. Nesta mensagem, já explicamos que os sacerdotes e cantores levitas, separados por Deus para os serviços no Tabernáculo e no Templo, eram sustentados com os dízimos do povo.

Em I Coríntios 9 o apóstolo Paulo declara que o princípio do sustento do ministério na dispensação da graça (Novo Testamento e igreja) é o mesmo que o da dispensação da Lei (Velho Testamento, Sacerdócio). O apóstolo ensina que é dever das igrejas sustentarem seus obreiros e defende seu próprio direito de receber sustento das igrejas (vs. 4,6). Para deixar o assunto bem claro, ele usa figuras que seus contemporâneos podiam entender muito bem (e nós também):

“Quem serve como soldado à própria custa? Quem planta uma vinha e não come do seu fruto? Quem apascenta um rebanho e não bebe do seu leite? ... Está escrito na Lei de Moisés: 'Não amordace o boi enquanto ele estiver debulhando o cereal'. Por acaso é com bois que Deus está preocupado? Não é certamente por nossa causa que ele o diz? Sim, isso foi escrito em nosso favor. Porque 'o lavrador quando ara e o debulhador quando debulha, devem fazê-lo na esperança de participar da colheita'. Se entre vocês semeamos coisas espirituais, seria demais colhermos de vocês coisas materiais? Se outros têm o direito de serem sustentados por vocês, não o temos nós ainda mais?... Vocês não sabem que aqueles que trabalham no templo, alimentam-se das coisas do templo [trigo, etc.], e que os que servem diante do altar participam do que é oferecido no altar [carne]? Da mesma forma, o Senhor ordenou àqueles que pregam o evangelho, que vivam do evangelho” (vs.7-14).

Nada mais claro. Entretanto, há os que deixam de lado toda essa argumentação e ensino e citam apenas os versos intercalados, a decisão particular do apóstolo Paulo de abrir mão desse seu direito, ao que parece, somente no caso da trabalhosa igreja de Corinto: “... nunca usamos desse direito. Ao contrário, suportamos tudo para não colocar obstáculos ao evangelho de Cristo... Não tenho usado de nenhum desses direitos. Não estou escrevendo na esperança de que vocês (de Corinto) façam isso por mim...” (vs. 12b, 15). Em Corinto, ele preferiu trabalhar com as próprias mãos, fabricando tendas em sociedade com Áquila e Priscila, e, assim provendo o próprio sustento (At 18.1-3). Sabemos que esse mesmo apóstolo, noutros períodos de seu ministério, recebeu ofertas generosas dos Filipenses e lhes escreveu agradecendo e dizendo-se “amplamente suprido” (Fp 4.14-18).

Em igrejas maiores e crescentes, há ministros outros além do pastor e funcionários. Alguns argumentam que, se o pastor recebe da igreja pelo trabalho que faz, os demais que prestam serviços à igreja devem receber também. Certo, em parte. Mas é preciso fazer algumas distinções. A igrejas que levam a sério teologia, a sã doutrina, o ensino, a pregação e o pastoreio do rebanho têm pastores preparados, com curso superior e,

em muitos casos, mestrado e doutorado. Eles dispensam praticamente todo o seu tempo à igreja. Não é o que se espera de coordenadores de ministérios, músicos e cantores. Salvo excessões, eles têm uma profissão e tiram da mesma o seu sustento. O que fazem na igreja instituída é *trabalho voluntário*. Isto não exclui a possibilidade e necessidade de igrejas maiores terem líderes de ministérios plenamente envolvidos e, portanto, assalariados.

Que esse ensino bíblico sobre Mordomia, dízimos e ofertas fale profundamente aos seu corações, e o oriente e motive para a correta mordomia de tudo o que o Senhor lhe tem confiado. Somos todos servos de Deus, ou melhor, filhos de Deus. Ele quer a nossa cooperação. Que privilégio!

Ponha o termômetro da dedicação, da cooperação, da entrega fiel dos dízimos, das ofertas de gratidão... E verifique a temperatura do seu coração, de sua fé, de seu amor a Deus, a Cristo, à igreja, aos que ainda não conhecem o Senhor Jesus, aos necessitados. Se a temperatura estiver baixa, se estiver com hipotermia espiritual, aqueça-se com o fogo do Espírito, com oração, estudo bíblico, frequência aos cultos, participação, dízimos e ofertas. Deus o(a) abençoe!

Pr. Éber Lenz César (eberlenzcesar@gmail.com)